

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E AUTOIMAGEM DO PACIENTE PSICÓTICO

Erica Alves Chaves da Costa¹; Carolina Gonçalves Mutafi²; Wilma Magaldi Henriques³

Estudante do curso de Psicologia; e-mail: herikalves@yahoo.com.br¹

Estudante do curso de Psicologia; e-mail: carol.mutafi@gmail.com²

Professora da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: wilmah@umc.br

Área do Conhecimento: Processos Grupais e de Comunicação

Palavras-chave: Loucura, modos de ser, autenticidade.

INTRODUÇÃO

Há muito tempo a loucura é considerada um problema social, os doentes mentais já enfrentaram medo, repulsa, exclusão, maus tratos, trabalho mal remunerado, descarte de suas vidas e longas prisões em hospitais psiquiátricos. Os (des) tratamentos de cada época marcaram a história e colaboraram para a formação de representações sociais a cerca do paciente psicótico. Com as mudanças na sociedade e na psiquiatria, novas formas de tratamento e concepções a respeito da loucura surgiram. Mas será que as representações sociais acompanharam as mudanças desta história?

OBJETIVOS

O objetivo geral foi identificar as representações sociais e a autoimagem dos usuários da Associação Loucos Pela Vida diagnosticados psicóticos e, mais especificamente, identificar as falas em que as representações sociais e autoimagem se coincidem e/ou se contradiziam

MÉTODO

Foram participantes da pesquisa cinco usuários da Associação Loucos pela Vida identificados como P1 (participante 1), P2 (participante 2) e assim por diante até o P5 (participante 5). Os materiais utilizados para coleta de dados foram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo 1), gravador digital, entrevista aberta, entrevista sócio-informativa (anexo 2) e entrevista semi-estruturada (anexo 3). Primeiro foi aplicado o questionário sócio informativo, depois a entrevista aberta com a pergunta disparadora “Pode nos contar como você se vê e como você tem sido visto por estar em tratamento psiquiátrico?” e por último aplicado o questionário semi estruturado. Utilizando a técnica de Meyhi (1991), as entrevistas foram gravadas a partir da pergunta disparadora, transcritas fidedignamente e textualizadas para tornar a leitura mais agradável. Com as textualizações prontas, estas foram lidas e relidas diversas vezes, depois, foram selecionadas palavras chaves e trechos foram recolhidos dos depoimentos onde se desvelava a questão inquietadora. Os recortes foram entrelaçados com as reflexões das pesquisadoras e com reflexões de outros autores em saúde mental numa tentativa de encontrar sentido e poder levar à compreensão das questões da pesquisa, indo ao encontro dos objetivos deste estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os depoimentos foram lidos e relidos, analisados e algumas cenas foram encontradas. No que se refere às representações sociais, se faz necessário considerar que são espelhamentos, são opiniões compartilhadas, é a partir da visão de si mesmo que o outro pode aparecer, os espelhos figuram nos encontros humanos, o reflexo, imagem de

ilusão, parece ampliar e revelar a constituição do ser e do mundo. Muitos são os registros possíveis do espelhamento, desde a imagem que aliena e aprisiona até a possibilidade de reconhecimento. A loucura, como outras doenças, é o modo estreito de uma pessoa viver no mundo, tudo gira em torno da doença, tudo gira em torno do problema, a sua vida toda fica restrita a uma pequena parte, o louco, em seus surtos, está aprisionado ao que vive naquele momento, àquela pequena parte refletida no espelho. A alma que é vista e nomeada pela sociedade (exterior) reflete um lugar social, assim, construir a própria identidade é a perigosa travessia pela sociedade entrelaçada ao individual (interior), vivemos em constantes mudanças, sempre o vir-a-ser quem somos, a reconstrução e releitura de si mesmo como condição humana, se hoje somos 'normais'... o amanhã, quem sabe? Todos temos pré-conceitos e não imaginamos que mais tarde poderemos ser alvos dele. Nos depoimentos dos participantes foram encontrados alguns espelhamentos, algumas cenas, as primeiras de I a IV falavam das representações sociais, e a primeira delas, versa sobre PRECONCEITO - CENA I: *antes eu tinha medo também, minha mãe não podia ver o meu pescoço que vinha para cima de mim [levou as mãos no pescoço e mostrou como a mãe fazia], ela era muito violenta, isso dá medo. (P4). Para você ver, antes de eu passar por todos esses problemas, eu tinha medo. Achava que louco podia fazer qualquer coisa, qualquer coisa mesmo, e fiquei com essa crença, pois eu fui criada na roça, quando vinham contar que tinha uma pessoa com problema de psiquiatria passando, a gente fechava a porta para ela não entrar, era um pavor. (P5). Minha mãe ficou muito triste quando soube, achava o maior perigo eu estar internada entre outros loucos (P5).* Diante destes relatos, fica registrada a nossa instável condição, o que conhecemos é o passado (quando o conhecemos) e o que vivenciamos agora. E ainda falando em cenas, espelhos e reflexos, lembremos o espelho da bruxa da 'Branca de Neve' que lhe permitia ver os acontecimentos e respondia sobre sua beleza. Remete-nos ao entrecruzamento da história pessoal e social, a resignificação do conceito de si mesmo. CENA II - DISCRIMINAÇÃO: Lewis Carrol (1872) em 'Alice no País das Maravilhas' revela a busca da identidade da personagem em situações inusitadas, onde o jogo dos contrários abre reflexões sobre o significado das palavras, a relatividade do tempo e do espaço, entre outros... revelando a própria amplitude da vida humana, não podemos estar do mesmo lado o tempo todo, um dia o atirador vira o alvo, seu lugar, tão usual, foi quebrado, tomado, agora tem que se conformar com a posição contrária e frágil, em um dos depoimentos ficou clara a questão da discriminação: *na rua, eu evito conversar essas coisas, fico meio receoso, por exemplo, quando você está num ônibus percebo que a pessoa já é discriminada, e aqui há os que já sofreram isso (P1).* CENA III - INCAPACIDADE: este participante foi o que mais se mostrou 'conformado e confortado' com a atual condição, ele brinca e debocha dos ditos 'normais' e dentro de suas limitações e capacidades vive o cotidiano de 'forma normal' *ainda existem aqueles que falam 'ai loquinho' ou 'ele está fazendo tratamento psiquiátrico, ele é muito nervoso?', muitos não acreditam na nossa participação familiar, social e no cuidado conosco (P3). Pensam que nós devemos ficar dentro de casa. E com dieta! (P4);* CENA IV - EXCLUSÃO: Pompéia (1999) exemplifica que o indivíduo fica engessado num determinado tema ou assunto e isso impede que ele se relacione livremente e viva plenamente sua vida, como nos disse P4, *quando uma pessoa passa pelo transtorno mental ela é eliminada da sociedade.* As cenas V, VI e VII espelharam a autoimagem dos participantes, a CENA V aparece os reflexos sobre NORMALIDADE: *eu me vejo como uma pessoa normal (P3). Na nossa visão, quem tem transtorno psiquiátrico é uma pessoa normal (P1). Meus colegas daqui são legais, são pessoas de respeito, dinâmicos e todos tomam remédio. (P3).* Lançado ao mundo, em confronto consigo mesmo e com

a própria vida, esta pessoa pode criar um simulacro existencial para sua própria sobrevivência. No entanto, ele pode ser diferente de tantos outros sem que isso seja um simulacro existencial, apropriando-se de si mesmo, de sua forma ‘louca de ser’, de ser autêntico e não necessariamente uma forma malograda. CENA VI - CAPACIDADE DE CUIDAR DE SI: como mostra Almeida (1999), o ser do homem se constitui no cuidado. Não é algo que podemos ou não diante de uma dada situação, mas se refere à constituição ontológica do homem, diz o autor *o homem não tem cuidado, é o cuidado*. O homem cuida da sua existência de modo a preservá-la. Sabemos que outras pessoas diferentes dos participantes desta pesquisa apresentam comportamentos divergentes como um modo malogrado, fracassado do cuidar de ser, pois na impossibilidade de um cuidado de si próprio, se afasta das possibilidades de realização e/ou apropriação, perdendo assim a chance de exercer autonomia, as vinhetas falam com propriedade do cuidar de si: *eu moro sozinho, pelo menos eu tento me cuidar (P1). Eu sou um rapaz latino americano, sem dinheiro algum [...] gosto de sair, ir ao cinema, teatro, me divertir no final de semana, em grupo, em dupla, sozinho, às vezes sozinho (P3)*. CENA VII - CAPACIDADE LABORAL E AUTOSUFICIÊNCIA: *as pessoas me perguntam se eu trabalho e onde, respondo que trabalho em Mogi, quero que as pessoas saibam que eu trabalho, tem um senhorzinho que varre a rua e se admira por eu trabalhar, sinto que meus vizinhos também se admiram [...] Todos em casa pedem a minha opinião, um tempo atrás, perguntaram o que eu achava sobre a construção de um outro banheiro, respondi que seria bom, aí planejamos, medimos, fizemos levantamento de quanto iríamos gastar com pedreiro e material... (P3). Eu moro sozinha e tomo conta de tudo, faço tudo sozinha (P4). Fui para eventos como representante, usuário do sistema de saúde mental. (P1). Eu, por exemplo, faço minhas coisas, somos só eu e meu marido (P2)*. O trabalho traz ao homem a chance de conhecer, habitar e participar na construção do mundo, muitas vezes excluídos, dificilmente consegue trabalho, tecer espaços de pertencimento na Associação ou fora dela conduz a uma cerzidura entre trabalho, afetabilidade e significação que inviabiliza a solidão e o tédio. Percebe-se que o essas pessoas, em seus modos diferentes ou divergentes de viver, conseguiram desenvolver recursos para lidar com as exigências do existir e com a afetabilidade que surge no encontro com o mundo de modo a construir uma condição de bem estar. Outros, lamentavelmente, ao longo de sua história, não conseguem desenvolver recursos para lidar com o afeto e com o mundo e acabam fracassando na construção de uma existência pacificada e ficam prisioneiros do seu modo malogrado de ser.

CONCLUSÕES

Concluiu-se que as representações sociais e autoimagem são contraditórias, o único momento em que as falas se coincidiram foi quando os participantes falaram de suas concepções **antes** de passar pelo transtorno mental. Há um nítido preconceito com quem sofre psiquicamente e, conseqüentemente ocorre a exclusão do mesmo por não se enquadrar em determinados padrões de ‘normalidade’. Parece que as representações sociais sempre foram associadas aos momentos de surto, onde há, na maioria das vezes, incapacidade laboral, agressividade, impossibilidade de comunicação livre com os outros. A literatura, os filmes e a mídia ajudam, e muito, e passar a imagem de violência ou a perpetuá-la. Embora as reformas psiquiátricas e iniciativas privadas como a própria Associação ‘Loucos pela Vida’ representem um avanço, elas ainda não são suficientes para mudar estas representações sociais, talvez seja necessário mais tempo, e mais que isso, compreensão com o diferente, possibilidade de perceber que algumas pessoas têm modos de ser autênticos que não são vistos em todos os espelhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, F. M. Aconselhamento psicológico numa visão fenomenológica existencial: cuidar de ser. In: MORATO, H. T.P. **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios**. São Paulo: Casa do psicólogo, 1999

CARROL, L. Através do espelho e o que Alice encontrou lá. In: **Alice no país das maravilhas**. Rio de Janeiro: Fontana, 1977

COSTA, A. C. de F. **Direito, Saúde Mental e Reforma Psiquiátrica**. In: Programa de Saúde Mental. p. 125 - 168 – NESP/CEAM/UnB. 2001.

FOUCAULT, M. **Doença Mental e Psicologia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

GOIDANICH, M. De como o homem tolera mal as diferenças. *Revista de Ciências Humanas*, v. 8 n. 11 p. 143 – 156, 2007.

JOVCHELOVITCH, S. Textos em Representações Sociais. In: **Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais**. 2ª Edição. Vozes: Petrópolis, 1995.

MEIHY, J, C, S, B. **Canto de morte Kaiowá – história oral de vida**. Loyola: São Paulo, 1991

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, 2002.

POMPÉIA, J. A. **Entrevista para Revista INSIGHT**, Ano 9, nº. 102 - Dez 99. Disponível em: <http://www.daseinsanalyse.org/> (artigos). Acesso em 12-09-2009.

POMPOÉIA, J. A. SAPIENZA, B.T. **Na presença do sentido – uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas**. São Paulo: Educ, 2004